

S de serra, S de segredo

Imagens fotográficas, desenhos, fragmentos da realidade, expostos no Museu de Lanifícios da Covilhã, inscrevem a natureza na vida quotidiana. A partir de uma residência na Serra da Estrela, Daniel Moreira e Rita Castro Neves desenvolvem, na paisagem natural da serra, uma estratégia psicogeográfica que se objectiva na forma de uma instalação: o percurso, o caminhar, constituem figuras do retorno à natureza física, a um certo apelo ao movimento do corpo, a uma actividade que não é apenas perceptiva mas fundamentalmente motriz e que se distende no tempo e no espaço.

A construção de uma poética visual que nos dá a ver o *mundo depois da fotografia*, para retomar as palavras de Robert Smithson, combina materiais que não só representam o real como é o próprio real que se oferece em representação. Pedacos de neve, fragmentos de madeira-bicho, dialogam com imagens de massas rochosas, animais ou a melancolia de estradas que desaparecem no nevoeiro. As fotografias, aparentemente tributárias de uma concepção documental, superam o mero registo, da mesma forma que, reconfigurando os materiais recolhidos durante

os percursos, os artistas se afastam da ideia de natureza como pulsão destruidora:

rochedos audazes e proeminentes, por assim dizer ameaçadores, nuvens de trovões acumulando-se no céu, (...) uma alta queda de água de um rio poderoso, etc, tornam a nossa capacidade de resistência de uma pequenez insignificante em comparação com o seu poder. (...) permitem descobrir em nós uma faculdade de resistência de espécie totalmente diversa, a qual nos encoraja a medir-nos com a aparente onipotência da natureza.¹

Nesta espécie de antropologia filosófica, representada em quatro mesas dispostas em círculo, diluem-se as tradicionais oposições natureza-cultura, homem-animal, selvagem-civilizado. Já não se trata de linhas divisórias mas do círculo como iconografia do colectivo, do comum.

A serra não é um jardim, é um espaço sem adorno. No entanto, no projecto *Residir é mais um atravessar*, é a própria serra que se constitui como cenário privilegiado para a imaginação. Uma inesperada arquitectura da paisagem emerge num território recortado pela acção da geografia humana que assim a redesenha. Operações simbólicas que se deslocam para estados provisórios do silêncio.

Experimentar o espaço requer a audácia de, com ele, nos perdermos no tempo. A serra é um segredo.

Eduarda Neves

¹ Imanuel Kant - *Crítica da Faculdade do Juízo*. Lisboa: INCM, Série Universitária, 1998, p. 158.